



Metamorfose e Solidão: O Motoqueiro que Virou Bicho de Ricardo Azevedo

Metamorphosis and Loneliness in O Motoqueiro que Virou Bicho by Ricardo Azevedo

Laila Angelica Moraes

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar e demonstrar de maneira crítica, a transformação sofrida pelo personagem Lúcio em cachorro, que também pode ser chamada de metamorfose, devido à sua grande curiosidade por fenômenos sobrenaturais e os momentos de solidão vividos nos lugares por onde passou enquanto era cachorro. O uso da palavra Metamorfose nesse caso, é de maneira metafórico, pois a mudança que o personagem principal da história, Lúcio, um jovem de bom caráter, mas inexperiente e espertalhão, passa, não é uma mutação qualquer, mas pela formação, construção de identidade, de amadurecimento, principalmente interno, pois vive inúmeras situações que, praticamente todas, são de cunho iniciático. Neste estudo, utilizou-se como eixo-teórico e metodológico, livros de diversos estudiosos da literatura e artigos encontrados na Internet que foram citados nas referências. Para análise, utilizaram-se alguns autores que falam da temática sobre a metamorfose e a solidão, aspectos presentes na obra literária estudada. Alguns dos estudiosos foram Maurice Blanchot, Mikhail Bakhtin, Antonio Cândido, Georg Lukács, Ciampa, para citar alguns. Busca-se constatar que, as palavras metamorfose e solidão estão presentes no caráter físico e psicológico, respectivamente do personagem Lúcio e, ambas, se tornam parte integrante da transformação do personagem, de um jovem rapaz de 18 anos para um homem que precisa tomar decisões, como entrar na faculdade para ter uma profissão no futuro, por exemplo. Teoricamente, lança-se mão, também, de teorias da Psicologia para poder explicar os sentimentos e angústias sofridas pelo personagem principal. O estudo é de ordem qualitativa, ou seja, sem a necessidade de dados gráficos para a comprovação de informações aqui presentes, somente de leituras e citação das obras estudadas com bastante atenção. Finaliza com a apresentação de uma conclusão que não se caracteriza como a única a ser considerada a partir do estudo. Tem a intenção de oferecer subsídios sobre um estudo futuro e mais aprofundado da obra literária analisada.

Palavras-chave: metamorfose; solidão; dimensão humana; mudança; reflexão.

Abstract: The present study aims to critically analyze and demonstrate the transformation undergone by the character Lucius into a dog, which may also be called a Metamorphosis, due to his strong curiosity about supernatural phenomena and the moments of loneliness he experienced in some of the places he inhabited while in canine form. The use of the term metamorphosis in this case is metaphorical, since the change experienced by the main character, Lucius, a young man of good character but inexperienced and somewhat mischievous, is not a mere mutation, but rather a process of formation, identity construction, and maturation, especially on an internal level. This is because he undergoes numerous situations that are largely initiatory in nature. For this study, books by various literary scholars and articles found on the internet, cited in the references, were used as the theoretical and methodological framework. For the analysis, authors who address the themes of metamorphosis and loneliness, which are present in the literary work studied, were consulted. Among these scholars are Maurice Blanchot, Mikhail Bakhtin, Antonio Cândido, Georg Lukács, and Ciampa, among others. The study seeks to demonstrate that the concepts of

metamorphosis and loneliness are present, respectively, in the physical and psychological dimensions of the character Lucius, and that both become integral parts of his transformation from an 18-year-old young man into an adult who must make decisions, such as entering university in order to pursue a future profession. Theoretically, concepts from Psychology are also employed to explain the feelings and anxieties experienced by the main character. The study is qualitative in nature, that is, it does not require graphical data to validate the information presented, relying instead on careful reading and citation of the works analyzed. The study concludes by presenting a conclusion that is not intended to be the only one derived from the analysis. Rather, it aims to provide support for future and more in-depth studies of the literary work examined.

Keywords: metamorphosis; loneliness; human dimension; change; reflection.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar por meio de pesquisa bibliográfica, a metamorfose e a solidão no personagem Lúcio, do livro *O motoqueiro que virou bicho* em teorias de estudiosos do assunto. Tem como foco as transformações e mudanças, construção de uma nova identidade, amadurecimento físico e psíquico, etc.

Justifica-se na necessidade de constatar que se tal pesquisa, está em concordância com a fundamentação de teóricos como Maurice Blanchot (2011), Mikhail Bakhtin (2011), Antonio Cândido (2011), Georg Lukács (2012), Ciampa (1997), dentre outros.

Utiliza-se como metodologia, a pesquisa bibliográfica, relacionada com o tema já mencionado. A partir do embasamento teórico, são realizadas pesquisas em diversos livros de teorias literárias e artigos na Internet que estudam sobre a metamorfose e a solidão humana em todos os seus aspectos e, até que ponto, podem ser utilizados na produção literária.

O estudo é composto por um capítulo e seus subitens: 1) Metamorfose e solidão em *O motoqueiro que virou bicho*.

Finalmente, é elaborada uma conclusão a partir dos estudos e pesquisas realizadas no sentido de demonstrar que os sentimentos humanos podem contribuir para o processo de criação literária e também em relação às teorias que serviram como fundamentação para o presente trabalho. O trabalho intenciona oferecer subsídios sobre os estudos mais aprofundados quanto ao tema proposto para pessoas interessadas no assunto e que tenham a pretensão de dar continuidade a essa pesquisa.

METAMORFOSE E SOLIDÃO EM O MOTOQUEIRO QUE VIROU BICHO

Ao iniciar esse trabalho, se faz necessário definir, por meio do dicionário, as palavras metamorfose e solidão, etimológica, psicológica e literariamente.

A metamorfose nada mais é do que as transformações do corpo (animais) e da mente (ser humano). Foi mencionada na literatura pela primeira vez, no livro “A Metamorfose” de Franz Kafka, um escritor austro-húngaro, escrito originalmente em alemão. Tanto Gregor (um inseto gigante) quanto Lúcio (um cachorro), passa por problemas por causa de sua atual aparência, mas em ambos os personagens, suas transformações ocorrem em momentos de angústia, em momentos de pressão, etc.

A solidão é o ato de estar só, como acontece com Robinson Crusoé quando naufraga em uma ilha deserta, durante uma viagem em busca de aventuras. Livro escrito por Daniel Defoe.

O objetivo desse trabalho não é fazer uma espécie de intertextualidade com as obras de Franz Kafka, de Daniel Defoe e de Ricardo Azevedo, porém, foi importante mencionar, porque o tema que está sendo estudado, em algum momento da história da literatura mundial, já foi, de alguma maneira, citado e analisado com grande afinco e pesquisa.

Já que foi falado um pouco desses três romances, cabe, para critério de conhecimento, falar o significado do vocábulo romance, literariamente:

O romance é a forma da virilidade madura: isso significa que a completude de seu mundo, sob a perspectiva objetiva, é uma imperfeição, e em termos de experiência subjetiva uma resignação. O perigo a que está sujeita essa configuração é portanto duplo: há o perigo de que a fragmentariedade do mundo salte bruscamente à luz e suprima a imanência do sentido exigida pela forma, convertendo a resignação em angustiante desengano, ou então que a aspiração demasiado intensa de saber a dissonância resolvida, afirmada e abrigada na forma conduza a um fecho precoce que desintegra a forma numa heterogeneidade disparatada, pois a fragmentariedade pode ser apenas superficialmente encoberta, mas não superada, e tem assim, rompendo os frágeis vínculos, de ser flagrada como matéria-prima em estado bruto (Lukács, 2012, p.71-72).

Antonio Candido (2011, p. 28) fala que a literatura é uma obra de arte social, assim, define:

Neste ponto, surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas.

Metamorfose

Segundo a etimologia, a palavra metamorfose vem do grego *μεταμόρφωσις* (metamórfosis, “transformação”), formada pelos radicais *μετα-* (prefixo meta-), “mudar” + *μορφή* (sufixo -morfo, “forma”).

A metamorfose significa uma mudança, a transformação de um indivíduo em outro ser. Em um sentido figurado, uma mudança considerável (ou radical) é aquela que ocorre no caráter, no estado ou na aparência de alguém, ou seja, a transmutação física ou moral. É a capacidade de adaptar-se, de se reinventar, se renovar.

Quando se fala em metamorfose, refere-se às mudanças que acontecem na estrutura, na forma do corpo, inclusive, na maneira de viver de alguns seres no decorrer do seu desenvolvimento.

No momento em que o organismo apresenta essa transformação, diz-se que possui desenvolvimento indireto, porém, no caso dos seres humanos que não sofrem essas transformações, chama-se desenvolvimento direto.

O ser humano passa por transformações, não como as lagartas, por exemplo, mas também precisa modificar pensamentos, condutas, tomar decisões diante de algo que está a sua frente, seja bom ou ruim. Faz parte de seu crescimento, principalmente, interno.

Apesar dos seres humanos não passarem pelo processo de metamorfose, como é estudado na Biologia, as modificações sucederão em todo o ciclo do desenvolvimento da vida da pessoa, excedendo as alterações físicas e, principalmente, auxiliando para a constituição da subjetividade: o jeito de ser individual.

Os seres humanos repetem movimentos semelhantes em suas jornadas existenciais. O conjunto de pessoas isoladas em si mesmas, que, juntas, porém, não unidas, promovem a evolução.

“Só se é alguém através das relações sociais. O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social” (Ciampa, 1997, p. 90).

A subjetividade pode ser entendida como a singularidade de cada pessoa, construída por meio de experiências vivenciadas, acumulando um conjunto de características, ideias, opiniões e comportamentos. Esse composto de características abrange aspectos biológicos como a herança genética e, também, o que representa cada indivíduo, como as preferências musicais, literárias, alimentares, amorosas, a maneira de lidar em diferentes situações, de celebrar as próprias conquistas, as opiniões políticas, etc., isto é, tudo aquilo que representa a individualidade de cada um.

As mudanças não são repentinhas, ocorrem aos poucos, à proporção que se faz parte de uma sociedade, do coletivo e do encontro com o outro. O qual, o indivíduo influencia e é influenciado. É na coletividade que surge a individualidade, modificando o mundo e recriando a si mesmo. A cada dia, ninguém é mais o(a) mesmo(a), pois todos tiveram vivências, ouviram coisas diferentes e viveram novas aprendizagens. Permitindo reflexões e conduzindo renovações.

Campos (*apud* Ciampa, 2017, p.2):

Quando afirmamos que identidade é metamorfose, movimento, estamos dizendo que o agir é constituinte do processo de humanização da pessoa, ou seja, entende-se a metamorfose

humana como a progressiva e infinidável concretização histórica do vir-a-ser humano, que se dá sempre como superação das limitações das condições objetivas existentes em determinadas épocas e sociedades.

No caso, do nosso personagem principal, Lúcio que, ao ser transformado num cachorro após beber uma poção da tia Dalva (uma feiticeira “escondida”), dado pela Conceição (empregada do tio de Lúcio), passa também, aos poucos, a modificar os seus pensamentos e condutas, já que por falta de experiência de vida, em muitos momentos, se põe à prova perante inúmeros obstáculos.

Examinamos a originalidade do vivenciamento da imagem externa na autoconsciência e em relação a outra pessoa, das fronteiras externas do corpo e da ação física externa. Cabe agora sintetizar esses três elementos- destacados de forma abstrata- no todo axiológico único do corpo humano, isto é, colocar a questão do corpo como valor. Uma vez que se trata precisamente de valor, é evidente que essa questão difere rigorosamente do ponto de vista das ciências naturais: do enfoque biológico do organismo, do enfoque psicológico da relação entre o psicológico e o físico dos respectivos problemas da filosofia naturalista (Bakhtin, 2011, p. 44).

Solidão

O vocábulo solidão tem origem no latim *solitudinem*, *solutus*, acompanhado ao termo solidão e a referente forma em latim *solitatem*. Diz respeito à qualidade de estar sem ninguém, isto é, sozinho. É um dos estados e sentimentos mais costumeiros que os indivíduos passam em suas vidas, definindo a ausência de companhia, quer seja por uma causa voluntária, por decisão ou desejo próprio, pois, a pessoa ou acompanhante já faleceu ou foi embora por algum motivo qualquer.

De acordo com Blanchot (2011, p. 275):

Quando estou só, não sou eu que estou aí e não é de ti que fico longe, nem dos outros, nem do mundo. Não sou o indivíduo a quem aconteceria essa impressão de solidão, esse sentimento dos meus limites, esse tédio de ser eu mesmo. Quando estou só, não estou aí. Isso não significa um estado psicológico, indicando o desaparecimento, a supressão desse direito de sentir o que sinto a partir de mim mesmo como de um centro. O que vem ao meu encontro não é que eu seja um pouco menos eu mesmo, é o que existe ‘atrás do eu’, o que o eu dissimula para ser em si.

A solidão pode ser apreciada, doravante, de dois pontos de vista: o positivo e o negativo.

O positivo, a pessoa desfruta e permite um estado de tranquilidade e a inexistência dos outros, podendo refletir, pensar, meditar, conhecer-se e sentir-se livre para libertar o seu lado criativo e impulsos motivadores.

No aspecto negativo, de ficar sozinho (a), há muito sofrimento, assim, causando tristeza, melancolia e, em casos extremos, pode até mesmo, transformar-se em depressão.

Porém, quando a solidão é aceita e usufruída, ou até mesmo procurada pelo ser humano, é um caminho tranquilo para a criatividade (pintura, poesia, literatura, etc.), ao passo que, o oposto pode resultar em sofrimento e um estado limitante.

No que concerne às definições e conceituações apresentadas sobre a solidão, foram registradas dimensões do fenômeno que são ressaltadas por inúmeros estudiosos, em seis seguintes aspectos: falta de objetivo e significado de vida, reação emocional, sentimento indesejado e desagradável, sentimento de isolamento e separação, deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade e *unattachment*. Tal visão, tem o objetivo de elucidar o assunto e fornecer explicações suficientes para uma conceituação mais esmerada para a solidão.

A falta de significado e objetivo de vida são apontados como uma dimensão do fenômeno da solidão para alguns autores.

A solidão não é uma condição, contudo, uma necessidade de reconhecimento, de significado e de unidade, em uma cultura desumanizadora. É a comprovação da vivência psíquica do ser humano.

Pode-se fundamentar nos escritos do movimento existencialista, que têm repetidamente exposto sobre a alienação essencial das pessoas, que são fundamentalmente desprendidos uns dos outros, os quais transcendem o imediato e o propósito da vida. Dessa forma, os existencialistas indiretamente, têm demarcado o perfil dos indivíduos existencialmente solitários.

A solidão é uma reação emocional a uma falta de relacionamentos gratificantes importantes e, a sua experiência inclui componentes emocionais, sendo caracterizada por intensa dor emocional.

Infinita e inevitável do ser humano não é exclusivamente uma condição terrível, no entanto também, um instrumento para experienciar nova compaixão e beleza de vida; a agonia, de ser, de morte como um indivíduo isolado, ou conhecer a alegria e a maravilha de estar vivo em *solitude* (reflexão, conhecer o seu interior, etc.). Esse duplo significado se justifica porque, a solidão tanto pode ser um estado desagradável, como agradável; neste último caso, representado pela *solitude*, estado em que a maioria dos estudiosos considera como distinto da solidão.

Deve-se observar assim, a ausência de consenso conceitual para o termo solidão, entre os estudiosos do assunto. Uma consequência por mais importante desse fato é a falta de uma linguagem universalmente comprehensiva sobre esse tema. Além disso, conceitos insatisfatórios surgem e, dessa forma, não cobrem a total amplitude do fenômeno da solidão, abrangendo, então, somente, algumas das suas dimensões.

Esse poder pelo qual me afirmo renegando o ser é real, entretanto, na comunidade de todos, no movimento comum do trabalho e do trabalho do tempo. 'Eu sou', como decisão de ser sem ser, só tem verdade porque essa decisão é minha a partir de todos, porque se concretiza no movimento que ela possibilita e torna real: essa realidade é sempre histórica, é o mundo que é sempre realização do mundo (Blanchot, 2011, p. 276).

É importante que se estabeleça uma definição consistente para o fenômeno da solidão, de maneira que a sua compreensão se faça real e ampla o suficiente para um entendimento mais completo de seu significado.

Dessa, com base na literatura consultada sobre a solidão, propõe-se a seguinte definição para o termo, consideradas as suas dimensões: solidão é uma reação emocional de insatisfação, decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento social.

Pode-se comentar também, a solidão emocional, que é um sentimento que aparece quando se sente só, mas não, necessariamente, quando não se tem companhia dos outros para senti-la. Ela se manifesta até no momento que se está rodeado de pessoas queridas, em ambientes bastante movimentados e durante os afazeres diários.

De acordo com o filósofo brasileiro, Fabiano de Abreu, há dez tipos de solidão e existem motivos para que isso ocorra, já que com o advento das redes sociais, os indivíduos estão cada vez mais isolados do mundo.

A seguir, citam-se os dez tipos de solidão, segundo Abreu:

1 - Liberdade excessiva

Nunca fomos tão livres em toda a história da humanidade, para fazer o que queremos, para ir e vir. Mas a verdade é que a humanidade sempre precisou de alguém superior para controlar e impor um código moral e de conduta, inclusive a figura de um Deus. A liberdade excessiva pode, na verdade, impedirmos de ser plenos, pois as pessoas não sabem o que fazer com a tal liberdade.

2 - Vergonha e timidez

Estes dois itens podem ter a ver com baixa autoestima e uma autoimagem subestimada. A partir do momento em que se reconhece o seu próprio valor e talento, e que cada um é especial a sua maneira, perde-se a vergonha e a timidez. Não há diferença nas pessoas, sejam ricos ou pobres, e logo não há do que se envergonhar.

3 - Fragilidade dos laços afetivos

Falta de tempo por causa do trabalho, necessidade de uma vida com melhores condições a frente das emoções. Precisamos ter tempo para dedicar a nossos filhos, pais e parentes para uma boa saúde mental.

4 - Cultura programada inconsciente

Estamos programando uma cultura que combate a cultura instintiva, se é que podemos chamar assim. Nossa cultura hoje parece ser contra os nossos instintos mais básicos de sobrevivência. Isolar-se nunca garantiu a sobrevivência de nossa espécie.

5 - Orgulho moral

Medo de interagir por insegurança ou preocupação com o que vão pensar. Segurança pessoal e autoestima está ligado a interação social. Todos temos talentos, todo ser humano é especial e nunca inferior. Ter a certeza disso é complementar uma vida social.

6 - Querer estar só versus precisar estar com alguém (*solitude* e solidão)

A busca do equilíbrio é um desafio constante mas, como o que eu chamaría de “regra da vida” em que tudo tem que ser com moderação, temos que conseguir separar o “time” (termo em inglês) de nossos momentos e cotidiano. Estar em *solitude* é diferente de ser solidão. Todos precisamos de momentos sós para encaixar os pauzinhos e colocar pingos nos “is” de nossas vidas. Mas não confunda momento com estado fixo.

7 - Sentir-se só mesmo quando está entre outras pessoas

Isso acarreta no que chamo de “doença da tristeza” que antecede qualquer uma das doenças patológicas ou que faz parte dela. Quando reconhecemos esse estado, precisamos usar dessa “*solitude* infinita” para que seja um momento.

8 - Ser tolerante

Intolerância não só rima com ignorância mas faz jus a qualidade. Ser tolerante faz parte de um intelecto programado que resulta de forma positiva. Estar só por não tolerar os outros, também é uma forma egoísta de vida.

9 - Optar pela solidão e preferir pets

Algumas pessoas, ironicamente, dizem que preferem seus animais de estimação do que a convivência com as pessoas. Na verdade, isso pode expressar o medo de serem traídas, ou de reviverem experiências ruins do passado em outros relacionamentos. Essas pessoas não querem ficar sozinhas, mas também não confiam em trazer para suas vidas uma outra pessoa, e aí optam por um pet.

10 - Solidão tecnológica.

Assim como bebês não comem se não forem alimentados, não construímos muros sozinhos. Não comercializamos sem alguém para comprar, não adoecemos sem um médico para ajudar. Ficar preso em um lugar interagindo com pessoas online e olhar para o lado e se ver sozinho, é uma solidão por traição de si mesmo.

(<https://provocacoestilosoficas.com/10-tipos-de-solidao/>)

A solidão é um sentimento intrínseco do ser humano desde o seu nascimento, por isso, busca-se sempre por algo ou alguém para acabar ou pelo menos, tentar amenizar essa *solitude*.

A Metamorfose em *O Motoqueiro que Virou Bicho*

Em busca de aventuras e de descanso, Lúcio viaja de moto para Lorena. Conhece Conceição, empregada do tio. Vivencia aventuras amorosas e outras também. Por curiosidade, após escutar muitas histórias durante o caminho de sua viagem, o nosso personagem, bebe um líquido marrom por engano e se transforma em cachorro vira-lata. Muda totalmente a sua forma física e, no decorrer do enredo, em busca de sua ‘destransformação’, passa por momentos bons: é bem recebido por professores aposentados da Universidade de São Paulo, com histórias e deliciosos banquetes e por dois padeiros de mão cheia, mas, infelizmente, como nem tudo são flores, percalços são encontrados no caminho, como quando é levado pela carrocinha e é quase castrado por Renatão, com um enorme alicate, presencia

um sequestro, etc. A mutação sofrida, é inclusive, em seu interior, pois passará a valorizar o que possuía, já que, por imprudência e infantilidade, quase perdeu tudo.

Por isso, a metamorfose não é somente do corpo, como as borboletas, por exemplo. No entanto, o tipo de modificação da raça humana condiz também com o seu desenvolvimento físico: nasce, cresce, reproduz e morre. Não, necessariamente, dessa forma e nessa ordem.

Deve-se frisar o corpo interior. De acordo com Bakhtin (2011, p. 44):

O corpo interior- meu corpo enquanto elemento de minha autoconsciência- é um conjunto de sensações orgânicas interiores, de necessidades e desejos reunidos em torno de um centro interior; já o elemento externo, como veremos, é fragmentário e não atinge autonomia e plenitude, tem sempre um equivalente interior que o leva a pertencer à unidade interior. Não posso reagir de forma imediata ao meu corpo exterior: todos os tons volitivo-emocionais diretos, que em mim, estão ligados ao corpo, dizem respeito ao seu estado interior e às suas possibilidades como sofrimentos, gozos, paixões, satisfações, etc. Pode-se amar o próprio corpo, sentir por ele uma espécie de ternura, mas isso significa apenas uma coisa: o anseio permanente e o desejo daqueles estados e vivenciamentos puramente interiores que se realizam através do meu corpo, e esse amor não tem nada de essencialmente comum com o amor pela imagem externa individual de outra pessoa.

Já o corpo exterior:

O pensamento é o seguinte: o objeto da atividade estéticas obras de arte, os fenômenos da natureza e da vida- é a expressão de algum estado interior; sua apreensão estética é um vivenciamento empático desse estado interior. Nesse caso, não é essencial para nós a diferença entre vivenciamento empático e empatia, porque, quando experimentamos a empatia do nosso próprio estado interior com o objeto, de qualquer modo nós não o vivenciamos como imediatamente nosso mas como um estado de contemplação do objeto, ou seja, nós estamos em vivenciamento empático com ele. O vivenciamento empático exprime com maior clareza o sentido real do vivenciamento (fenomenologia do vivenciamento), ao passo que a empatia procura explicar a gênese psicológica desse vivenciamento. Já a construção estética deve ser independente das teorias propriamente psicológicas (além da descrição psicológica, da fenomenologia).

Portanto, a corrente em exame define o ser da atividade estética como vivenciamento empático do estado interior ou da atividade interior de contemplação do objeto: do homem, do objeto inanimado, inclusive das linhas e das cores (Bakhtin, 2011, p. 45).

Conforme o indivíduo cresce, estuda, lê, assiste filmes, conhece pessoas, se transforma. Assim sendo, a cada dia, já não será mais o mesmo.

A Solidão em *O Motoqueiro que Virou Bicho*

Há dois momentos em que, Lúcio se sente só, o primeiro é, quando passa a caminhar nas estradas, com chuva, sol e inúmeros perigos, em busca da cidade de Silveiras, para ser, finalmente, transformado em ser humano.

E no segundo, é quando, em uma das casas em que é abrigado, está no quintal, sozinho, sem ter o que fazer, após vigiar a casa a noite inteira. Começa a sentir, novamente, falta do seu quarto, que tanto reclamava por estar cheio de livros e que o fazia se lembrar da pressão dos estudos para entrar na faculdade; sente saudade dos seus pais, enfim, essas são duas passagens, as quais, o personagem principal, se vê solitário.

Segundo Blanchot (2011, p. 9):

A solidão da obra a obra de arte, a obra literária- desvenda-nos uma solidão mais essencial. Exclui o isolamento complacente do individualismo, ignora a busca da diferença; não se dissipar o fato de sustentar uma relação viril numa tarefa que cobre toda a extensão dominada do dia. Aquele que escreve a obra é apartado, aquele que a escreveu é dispensado. Àquele que é dispensado, por outro lado, ignora-o. Essa ignorância preserva-o, diverte-o, na medida em que o autoriza a perseverar. O escritor nunca sabe que a obra está realizada. O que ele terminou num livro, recomeçá-lo-á ou destrui-lo-á num outro.

Porém, mesmo sozinho, ao ler a sua história, o leitor não se sente só e, sim, parte do enredo, como personagem observador, também participante de algum modo.

Quando os seres faltam, o ser apresenta-se como a profundidade da dissimulação na qual ele se torna falta. Quando a dissimulação aparece, a dissimulação convertida em aparência, faz ‘desaparecer tudo’, mas desse ‘tudo desapareceu’ que se torna, por sua vez, aparência. E a aparição diz precisamente que, quando tudo desapareceu, ainda existe alguma coisa: quando tudo falta, a falta faz aparecer a essência do ser que é de ser ainda onde falta, de ser enquanto que dissimulado (...) (Blanchot, 2011, p. 277).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do estudo sobre o tema “Metamorfose E Solidão Em O Motoqueiro Que Virou Bicho” proporcionou uma análise qualitativa sobre o uso das teorias literárias propostas nas aulas da disciplina *Vertentes e Expressões da Literatura Portuguesa* na Pós-Graduação em Letras no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas- UNESP de São José do Rio Preto e outras encontradas como complemento desse trabalho.

Este estudo, ao analisar criticamente a obra *O motoqueiro que virou bicho* de Ricardo Azevedo, demonstrou que a literatura é bastante importante para a formação

humana e que mudanças são necessárias em todo o processo de desenvolvimento humano. O ato de ler, conhecer novos autores, torna-se imprescindível em todo o processo de mutação física e psíquica do indivíduo, fazendo com que este, se torne um ser humano autônomo, líder de si mesmo e capacitado de se desenvolver progressivamente em todos os aspectos de sua vida.

O estudo deixou claro que a metamorfose ocorre não somente no externo (físico), mas, também, internamente (mente) e que essa transformação interfere na construção do ser humano como um todo e na maneira como lidará ao tomar decisões e em suas relações com o semelhante. Diferentemente do que é estudado na Biologia que, a metamorfose que acontecem com os animais, é somente o físico.

Ficou evidente nesse trabalho que, o homem precisa do outro para criar relações, construir alguma coisa (um ser de relações), por isso, a solidão, mesmo que escolhida, causa sofrimento. O ser humano precisa dividir tudo com o outro: suas histórias, sofrimentos, angústias, alegrias, dores, enfim. É um ser socioemocional. Nesse aspecto, é muito parecido com os animais, mesmo, em alguns momentos, precisar ficar sozinho, a maior parte das vezes, carece estar em grupo, bando.

As afirmações anteriores puderam ser constatadas em todo o trabalho.

Quanto à fundamentação teórica que serviu de subsídio para o estudo, observou-se que, em se tratando dos estudiosos da Psicologia, todos possuem o mesmo consenso ao tratarem sobre a metamorfose (mudança, transformação) e a solidão.

Pode-se concluir que, Lúcio, como um mero representante figurativo da raça humana, ao se deparar com pressões, mudanças, se vê muitas vezes, confuso, querendo fugir, ficar só, porém, no final, as transformações são necessárias para que o indivíduo se torne o melhor de si mesmo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Fabiano de. **Filósofo brasileiro aponta 10 tipos de solidão e seus motivos. Redação Provocações Filosóficas.** 14 de dez. 2019. Disponível em: <<https://provocacoestilosoficas.com/10-tipos-de-solidao/>> Acesso em 24 de dezembro de 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CAMPOS, Alessandro Oliveira. **Metamorfose humana e memória.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/pB4NKVY4dqVxVvqwK9nM5kf/?lang=pt>> Acesso em 21 de dezembro de 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária.** 12.ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2011.

CIAMPA, Antonio da Costa. **As metamorfoses da ‘Metamorfose Humana’: Uma utopia emancipatória ainda é possível hoje?** Comunicação apresentada no Simpósio “Metamorfoses da Identidade no mundo contemporâneo” do XXVI Congresso Interamericano da SIP. 7 de setembro de 1997.

JUNG, Milton. **A metamorfose e a subjetividade humana.** Disponível em: <<https://miltonjung.com.br/2020/08/18/a-metamorfose-e-a-subjetividade-humana/>> Acesso em 22 de dezembro de 2021.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica.** Trad. José Marcos Mariani Macedo. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

MICHAELIS: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/metamorfose>> Acesso em 19 de dezembro de 2021.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; TAMAYO, Álvaro. **Conceituação e definição de solidão.** Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10614/1/1984_art_aaapinheiroatamayo.pdf> Acesso em 23 de dezembro de 2021.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **O que é metamorfose?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-metamorfose.htm>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.

SILVA, Dulcinea Morais da. **O processo da metamorfose humana.** Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/o-processo-da-metamorfose-humana/56287>> Acesso em 20 de dezembro de 2021.